



FACE-Q in Aesthetic Dentistry and Orofacial Harmonization: Current Evidence

Ana Luísa de Castro e Silva¹, Gabriel da Silva Costa², Rafael Arantes Soares Reis³, Aléxia Caroline Leandro da Conceição⁴, Jennifer Vera Santos Gumert⁵, Brenda Moraes da Silva⁶, Vlademir Amaral-Cazaroti⁷, Matheus Canova Machado⁸.



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p2032-2043>

Artigo recebido em 21 de Julho e publicado em 1 de Setembro de 2025

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

A harmonização orofacial (HOF) consolidou-se como uma das práticas estéticas mais procuradas da última década, impulsionando a demanda por instrumentos capazes de avaliar não apenas os resultados clínicos, mas também o impacto psicossocial e a satisfação do paciente. Nesse cenário, o FACE-Q, questionário modular desenvolvido especificamente para mensurar desfechos relatados pelo paciente em estética facial, tem se destacado como ferramenta promissora, com ampla aceitação em diferentes contextos culturais e clínicos. O objetivo desta revisão foi analisar criticamente a literatura científica sobre a aplicação do FACE-Q em estética facial, com ênfase na harmonização orofacial, explorando sua validade, confiabilidade e relevância clínica. Foi realizada uma busca sistematizada na base PubMed/MEDLINE até fevereiro de 2025, utilizando descritores MeSH e palavras-chave como “FACE-Q”, “patient-reportedoutcomemeasures”, “facial aesthetics” e “harmonização orofacial”. A triagem inicial identificou 282 artigos, dos quais 15 atenderam aos critérios de inclusão, sendo submetidos a análise narrativa crítica. Os estudos selecionados englobaram validações transculturais do instrumento em diferentes idiomas (árabe, holandês, finlandês e português brasileiro), análises psicométricas, ensaios clínicos comparativos, desenvolvimento de novos módulos (como o de naturalidade) e aplicações diretas no contexto da HOF. De forma consistente, os resultados apontam que o FACE-Q apresenta propriedades psicométricas robustas, demonstrando validade de construto, alta confiabilidade e sensibilidade às mudanças clínicas. Além disso, mostrou-se útil na avaliação da satisfação do paciente com a aparência facial, autoestima, percepção de naturalidade dos resultados e impacto sobre a qualidade de vida e bem-estar psicossocial. Tais evidências reforçam sua aplicabilidade clínica tanto em estudos científicos quanto na prática profissional, permitindo um acompanhamento mais preciso e centrado no paciente. Conclui-se que o FACE-Q representa atualmente uma das ferramentas mais completas e validadas para mensurar resultados em estética facial e harmonização orofacial. Contudo, a literatura ainda carece de estudos longitudinais, multicêntricos e comparativos que confirmem sua utilização como padrão-ouro na área, especialmente em diferentes



populações e realidades culturais.

Palavras-chave: Harmonização orofacial; Estética facial; FACE-Q; Patient-reported outcome measures; Qualidade de vida.

FACE-Q in Aesthetic Dentistry and Orofacial Harmonization: Current Evidence

ABSTRACT

Orofacial Harmonization (OFH) has consolidated itself as one of the most sought-after aesthetic practices of the last decade, driving the demand for instruments capable of assessing not only clinical outcomes but also psychosocial impact and patient satisfaction. In this context, the FACE-Q, a modular questionnaire specifically developed to measure patient-reported outcomes in facial aesthetics, has emerged as a promising tool, with wide acceptance across different cultural and clinical settings. The aim of this review was to critically analyze the scientific literature on the application of FACE-Q in facial aesthetics, with emphasis on orofacial harmonization, exploring its validity, reliability, and clinical relevance. A systematic search was conducted in the PubMed/MEDLINE database up to February 2025, using MeSH descriptors and keywords such as “FACE-Q,” “patient-reported outcome measures,” “facial aesthetics,” and “orofacial harmonization”. The initial screening identified 282 articles, of which 15 met the inclusion criteria and were subjected to critical narrative analysis. The selected studies included cross-cultural validations of the instrument in different languages (Arabic, Dutch, Finnish, and Brazilian Portuguese), psychometric analyses, comparative clinical trials, the development of new modules (such as the naturalness module), and direct applications in the context of OFH. Consistently, the findings indicate that FACE-Q demonstrates robust psychometric properties, including construct validity, high reliability, and sensitivity to clinical change. Furthermore, it proved useful in assessing patient satisfaction with facial appearance, self-esteem, perceived naturalness of outcomes, and the impact on quality of life and psychosocial well-being. These findings reinforce its clinical applicability in both scientific research and professional practice, enabling more precise and patient-centered follow-up. In conclusion, FACE-Q currently represents one of the most comprehensive and validated tools for measuring outcomes in facial aesthetics and orofacial harmonization. However, the literature still lacks longitudinal, multicenter, and comparative studies to confirm its use as the gold standard in the field, particularly across diverse populations and cultural contexts.

Keywords: FACE-Q; Orofacial Harmonization; Facial Aesthetics; Quality of Life; Patient-Reported Outcomes.



Instituição afiliada – ¹Universidade Salgado de Oliveira, ² São Leopoldo Mandic –Rio de Janeiro, ³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, ⁴Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, ⁵Centro Universitário UniDomBosco, ⁶Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, ⁷ São Leopoldo Mandic – Campinas, ⁸ Unicesumar.

Autorcorrespondente: Ana Luísa de Castro e Silva, dra.analuisacastro@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a harmonização orofacial (HOF) consolidou-se como um dos procedimentos estéticos mais procurados, tanto em âmbito odontológico quanto médico, em resposta ao crescente desejo dos pacientes por resultados que combinem rejuvenescimento, equilíbrio facial e, sobretudo, naturalidade (Bulegon et al., 2025). A rápida expansão da área reflete não apenas o avanço das técnicas minimamente invasivas, mas também uma mudança no perfil dos pacientes, que valorizam cada vez mais a experiência subjetiva de satisfação com a própria imagem, indo além de parâmetros clínicos ou técnicos objetivos (Albuquerque et al., 2022).

Essa realidade trouxe à tona a necessidade de instrumentos que sejam capazes de mensurar, de forma válida e confiável, os desfechos centrados no paciente. Tradicionalmente, a avaliação dos procedimentos estéticos restringia-se à visão do profissional e a critérios biomédicos, como proporções faciais, simetria e ausência de complicações. Contudo, tais métricas, embora relevantes, não captam aspectos fundamentais da experiência do paciente, como autoestima, bem-estar psicológico, autopercepção de naturalidade e impacto social (Klassen et al., 2016). Assim, emergiu a importância dos Patient-Reported Outcome Measures (PROMs), ferramentas que permitem que o paciente seja protagonista na avaliação de seu próprio tratamento (Gallo et al., 2023).

Dentre os instrumentos disponíveis, destaca-se o FACE-Q, um questionário modular desenvolvido especificamente para medir satisfação e qualidade de vida em pacientes submetidos a procedimentos estéticos faciais. Desde sua criação, o FACE-Q tem sido amplamente utilizado em pesquisas internacionais, consolidando-se como ferramenta padrão-ouro na área (Klassen et al., 2016; Kappos et al., 2017). Sua robustez está na capacidade de avaliar múltiplos domínios, como satisfação com aparência, autoestima, bem-estar psicológico e social, além de módulos específicos para procedimentos como rinoplastia, blefaroplastia, rejuvenescimento periorbital e, mais recentemente, naturalidade dos resultados (Pingnet et al., 2021; Homsy et al., 2021; Klassen et al., 2024).

A aceitação global do instrumento pode ser comprovada pelas inúmeras validações transculturais realizadas em diferentes países, como a adaptação para o árabe (Alsanea et al., 2023), holandês (Pingnet et al., 2021), finlandês (Homsy et al., 2021) e português do Brasil (Albuquerque et al., 2022). Tais estudos confirmam a confiabilidade psicométrica do FACE-Q, garantindo sua aplicabilidade em diversos contextos culturais e linguísticos. Além disso, novas pesquisas vêm ampliando seu escopo de aplicação: Told et al. (2023), por exemplo, demonstraram que o FACE-Q é sensível para captar diferenças de satisfação em técnicas distintas de blefaroplastia em um ensaio clínico randomizado, enquanto Bulegon et al. (2025) aplicaram o instrumento diretamente na harmonização orofacial, correlacionando níveis de dor e satisfação com os resultados.

Outro ponto de destaque é a evolução contínua do instrumento para atender às demandas atuais da estética facial. Em resposta à crescente valorização da naturalidade, Klassen et al. (2024) desenvolveram e validaram o Natural Module, permitindo a mensuração da percepção dos pacientes quanto ao quão naturais parecem os resultados de seus procedimentos. Esse avanço dialoga com a tendência



contemporânea da “quiet beauty”, em que a intervenção estética deve ser percebida como um realce sutil da aparência, e não como uma modificação artificial (Miller & Surek, 2024).

Dessa forma, o FACE-Q representa não apenas uma ferramenta de pesquisa clínica, mas também um recurso essencial para profissionais de saúde que buscam alinhar sua prática à perspectiva do paciente, colocando a experiência subjetiva no centro da avaliação de sucesso terapêutico. O presente estudo tem como objetivo revisar a literatura atual sobre o uso do FACE-Q em procedimentos estéticos faciais, com ênfase especial na harmonização orofacial, destacando seu papel na mensuração do impacto psicológico e na satisfação dos pacientes.

METODOLOGIA

Esta revisão narrativa foi conduzida a partir de uma busca estruturada na base de dados PubMed/MEDLINE, considerando publicações até fevereiro de 2025. O objetivo foi identificar estudos que utilizaram a escala FACE-Q como instrumento de avaliação em procedimentos estéticos faciais, com ênfase na harmonização orofacial (HOF).

Estratégia de busca: A busca foi realizada utilizando combinações de descritores controlados

"FACE-Q"

"Patient Reported Outcome Measures" [MeSH]

"PROMs"

Processo de busca e seleção

A busca inicial retornou **282 artigos**. Após leitura de títulos e resumos, foram excluídos os estudos que não atendiam aos critérios pré-estabelecidos. Ao final, **15 artigos** foram selecionados para análise detalhada, considerando sua relevância direta para a avaliação de satisfação e impacto psicológico com o uso do FACE-Q.

Critérios de inclusão

Foram incluídos:

1. **Artigos originais** que aplicaram o **FACE-Q** em estética facial (cirúrgica ou não cirúrgica).
2. **Estudos de validação** transcultural ou desenvolvimento de módulos da escala.
3. **Ensaio clínico, estudos prospectivos, coortes e comparativos** que utilizaram o FACE-Q como medida de desfecho.
4. Publicações em **inglês, português ou espanhol**.

Critérios de exclusão

Foram excluídos:

1. Estudos que não utilizaram o FACE-Q em estética facial.
2. Relatos de caso isolados sem aplicação do questionário.
3. Revisões não sistemáticas que apenas citavam a escala sem análise crítica.



Tipo de revisão

Trata-se de uma **revisão narrativa crítica**, com síntese qualitativa dos estudos selecionados. Os artigos foram agrupados em cinco categorias principais:

- **Validações transculturais** (Alsanea et al., 2023; Pingnet et al., 2021; Homsy et al., 2021; Albuquerque et al., 2022).
- **Grandes coortes e validações clínicas** (Klassen et al., 2016; Kappos et al., 2017).
- **Ensaio clínicos e estudos comparativos** (Told et al., 2023).
- **Novos módulos e tendências** (Klassen et al., 2024; Miller & Surek, 2024).
- **Aplicações diretas em HOF** (Bulegon et al., 2025).

RESULTADOS

O desenvolvimento e consolidação dos Patient-Reported Outcome Measures (PROMs) têm transformado a forma de avaliar resultados em procedimentos estéticos faciais, pois permitem incorporar a percepção direta do paciente em relação à sua satisfação, autoestima e bem-estar. Dentro desse contexto, o FACE-Q destaca-se como um dos instrumentos mais relevantes, por sua estrutura modular, validade psicométrica e ampla aceitação internacional. Em um dos primeiros estudos de grande impacto, Klassen et al. (2016) analisaram quase mil pacientes submetidos a procedimentos de estética facial e demonstraram que o FACE-Q é sensível para captar mudanças expressivas na satisfação com a aparência, mostrando-se essencial para mensurar desfechos centrados no paciente. De forma complementar, Kappos et al. (2017) validaram a utilidade do instrumento na avaliação de resultados de cirurgias estéticas faciais, reforçando sua importância clínica.

Nos anos seguintes, o FACE-Q expandiu seu escopo com o desenvolvimento de módulos específicos para atender a novas demandas da estética facial. A busca por resultados naturais, tendência crescente na harmonização orofacial, levou ao surgimento do Natural Module, desenvolvido e validado por Klassen et al. (2024), que permitiu a avaliação objetiva da percepção de naturalidade dos resultados. O impacto desse avanço metodológico foi ressaltado por Miller e Surek (2024), que destacaram sua relevância diante da mudança no perfil dos pacientes, cada vez mais preocupados em evitar resultados artificiais. Além disso, a literatura também descreve a aplicação do FACE-Q em regiões faciais específicas. Kaur et al. (2022) demonstraram a validade de conteúdo do instrumento para avaliar preenchimento temporal, enquanto outros estudos se concentraram em módulos adaptados para procedimentos como rinoplastia e blefaroplastia.

A aplicabilidade do FACE-Q em diferentes contextos culturais é outro ponto que fortalece sua relevância. Alsanea et al. (2023) validaram a versão árabe, assegurando equivalência semântica e estrutural, enquanto Pingnet et al. (2021) e Homsy et al. (2021) realizaram as versões holandesa e finlandesa, respectivamente, com resultados que comprovaram alta consistência interna. No Brasil, Albuquerque et al. (2022) apresentaram a adaptação transcultural do instrumento para a realidade da odontologia, com foco em harmonização orofacial, marcando um passo fundamental para sua adoção na prática clínica nacional. Esses estudos confirmam a confiabilidade



do FACE-Q em diferentes idiomas e populações, o que garante sua utilização em pesquisas multicêntricas.

Outro aspecto relevante é o emprego do FACE-Q em ensaios clínicos e estudos comparativos, o que evidencia sua sensibilidade para detectar diferenças entre técnicas. **Told et al. (2023)**, em um ensaio clínico randomizado e cegado em blefaroplastia, demonstraram que a escala foi capaz de identificar variações de satisfação entre dois métodos de sutura, além de captar melhorias significativas na percepção estética pós-operatória. Em rinoplastia funcional, **Hismi et al. (2022)** compararam diferentes técnicas de enxerto cartilaginoso para colapso lateral nasal, e observaram que os PROMs foram fundamentais para integrar desfechos estéticos e funcionais, destacando o papel do FACE-Q na avaliação global da experiência do paciente. Situação semelhante foi relatada por **Elegbede et al. (2018)** em reconstruções faciais, nas quais a escala ajudou a identificar preditores de satisfação que dependiam tanto de fatores clínicos quanto psicossociais. Em populações especiais, **Dunworth et al. (2024)** aplicaram PROMs em adolescentes com fissura labiopalatina e observaram que a satisfação estética varia ao longo da adolescência, evidenciando a necessidade de abordagens longitudinais em diferentes faixas etárias.

No campo da harmonização orofacial, os estudos ainda são recentes, mas já demonstram a viabilidade do instrumento. A adaptação brasileira de **Albuquerque et al. (2022)** abriu caminho para a utilização do FACE-Q na odontologia estética, enquanto **Bulegon, Sebben e Rigo (2025)** avaliaram dor e satisfação após procedimentos de harmonização e constataram que o questionário foi eficaz para correlacionar desconforto pós-operatório com satisfação final, indicando que técnicas minimamente invasivas estão associadas a níveis mais altos de satisfação. Esses resultados posicionam o FACE-Q como uma ferramenta valiosa para medir resultados em HOF, ampliando sua relevância clínica e científica.

Por fim, uma revisão metodológica realizada por **Gallo et al. (2023)** apontou lacunas importantes na literatura, como a heterogeneidade nos desfechos avaliados, a escassez de ensaios randomizados e de estudos longitudinais, além da falta de padronização no reporte de resultados. Os autores ressaltaram a necessidade de alinhar a escolha dos domínios do FACE-Q com os objetivos clínicos, adotar protocolos consistentes de acompanhamento e relatar de forma transparente as escalas utilizadas. Essas recomendações indicam que a próxima agenda de pesquisas deve priorizar estudos prospectivos e multicêntricos, padronizar métodos de análise e consolidar o uso do FACE-Q como instrumento de referência na harmonização orofacial.

DISCUSSÃO

A literatura analisada indica que o FACE-Q se consolidou como a principal medida de desfecho relatado pelo paciente (PROM) para estética facial por combinar sensibilidade a mudanças, amplitude de domínios e adaptabilidade a diferentes procedimentos e populações. Os dados de grande coorte apresentados por Klassen et al. (2016) e a validação clínica em cirurgia estética por Kappos et al. (2017) ajudaram a posicionar a escala como “padrão-ouro” para captar satisfação com a aparência e impactos psicossociais, deslocando o foco exclusivo de métricas biomédicas para um paradigma centrado no paciente. Essa inflexão metodológica é coerente com a



evolução da harmonização orofacial (HOF), na qual a experiência subjetiva — autoestima, naturalidade percebida, bem-estar social — passou a ser componente indispensável de sucesso terapêutico.

A adaptação transcultural robusta é um dos pilares que sustentam a extrapolação dos achados. As versões árabe (Alsanea *et al.*, 2023), holandesa — módulo de rinoplastia (Pingnet *et al.*, 2021), finlandesa — módulo de olhos (Homsy *et al.*, 2021) e a adaptação brasileira para a odontologia/HOF (Albuquerque *et al.*, 2022) demonstram consistência interna elevada e validade de construto em contextos linguísticos e culturais distintos, reforçando a comparabilidade internacional de escores. Ainda assim, a despeito dos bons indicadores psicométricos, permanece pouco explorada a invariância fatorial entre culturas e subgrupos (sexo, faixas etárias, tipos de procedimento). Testes formais de invariância multi-grupo fortaleceriam a interpretação comparativa e mitigariam vieses culturais na leitura dos escores.

No campo do conteúdo e da atualização dos domínios, a criação do Natural Module por Klassen *et al.* (2024) responde a uma demanda contemporânea central — a naturalidade. O comentário técnico de Miller e Surek (2024) contextualiza sua relevância clínica ao lembrar que a satisfação atual não deriva apenas da magnitude da mudança, mas de quão imperceptível e harmônica ela parece. A incorporação desse construto ao arsenal de PROMs permite alinhar pesquisa e prática com a filosofia “menos é mais” predominante na HOF. Em paralelo, a demonstração de validade de conteúdo para regiões específicas, como aprofundamento temporal (Kaur *et al.*, 2022), e as validações por subunidades (nariz, olhos) expandem a granularidade do FACE-Q, habilitando comparações finas entre técnicas e áreas anatômicas.

Do ponto de vista metodológico, a literatura oferece sinais positivos e lacunas. Ensaio e comparativos mostram que o FACE-Q discrimina diferenças sutis entre técnicas: em blefaroplastia, o estudo randomizado e cegado de Told *et al.* (2023) evidenciou melhorias clinicamente relevantes e sensibilidade para distinguir métodos de sutura; em rinoplastia funcional, Hismi *et al.* (2022) indicaram que PROMs (incluindo escalas derivadas do FACE-Q) são cruciais para integrar função e estética quando se avaliam enxertos cartilagosos para colapso lateral. Em reconstrução facial, Elegbede *et al.* (2018) destacaram preditores de satisfação que extrapolam o procedimento — sugerindo que expectativas, idade e contexto psicossocial modulam a resposta. Esses resultados convergem para uma conclusão central: técnica importa, mas perfil do paciente e manejo de expectativas importam tanto quanto para o desfecho percebido.

Apesar dos avanços, a revisão metodológica de Gallo *et al.* (2023) aponta heterogeneidade na seleção de domínios do FACE-Q, escassez de estudos longitudinais e baixo número de ensaios randomizados. Para maturidade científica na HOF, recomenda-se padronizar janelas de follow-up (p.ex., baseline, 2–4 semanas, 3 meses, 6–12 meses), pré-registro de desfechos primários (quais escalas/domínios do FACE-Q e por quê) e relato transparente das versões e pontuações utilizadas. Dois pontos merecem ênfase: (1) estimar e reportar a Mudança Clinicamente Importante Mínima (MCID) para procedimentos e regiões específicas; (2) documentar responsividade (efeito de tratamento ao longo do tempo) e reprodutibilidade (teste–reteste) nos contextos da HOF. A ausência de MCIDs validadas dificulta traduzir diferenças estatisticamente significativas em relevância clínica — lacuna crítica para comparativos entre materiais (ácido hialurônico vs. bioestimuladores), técnicas (cânula vs. agulha) e



protocolos combinados (EBDs + preenchedores + toxina).

No recorte odontológico/HOF, o cenário é promissor e ainda em consolidação. A adaptação para o contexto brasileiro por Albuquerque et al. (2022) legitima o uso local, enquanto Bulegon, Sebben e Rigo (2025) adicionam evidência clínica ao correlacionar dor pós-procedimento e satisfação — com tendência a maior satisfação em estratégias minimamente invasivas. Essa associação é relevante em duas frentes: primeiro, para aconselhamento pré-procedimento, quantificando o trade-off entre desconforto temporário e benefício estético percebido; segundo, para otimização de protocolos, ajustando anestesia, técnica e pós-operatório para maximizar satisfação. Contudo, a generalização depende de amostras mais diversas (sexo, idade, fototipos, condições cutâneas) e de séries prospectivas com controle de variáveis de confusão (procedimentos prévios, baseline psicológico, distúrbios de imagem).

A população adolescente e craniofacial traz nuances adicionais. Dunworth et al. (2024) mostram que a satisfação estética oscila ao longo da adolescência, o que sugere que leituras do FACE-Q devem considerar janela de desenvolvimento e marcos psicossociais. Transpor esse aprendizado para a HOF adulta implica contemplar trajetórias temporais (p.ex., adaptação à própria imagem) e interações com redes sociais, fatores cada vez mais influentes na percepção de resultado.

Do ponto de vista de viés e qualidade, estudos de PROMs em estética enfrentam desafios intrínsecos: viés de seleção (amostras de clínicas privadas, pacientes motivados), viés de desejo de agradar e perda de seguimento que pode superestimar satisfação (pacientes insatisfeitos abandonam follow-up). Estratégias para mitigar esses vieses incluem amostragem consecutiva, coletas anônimas, blinding de avaliadores, análises de sensibilidade (intenção de tratar vs. por protocolo) e modelagem de dados faltantes. Outra frente pouco explorada é a integração de PROMs com medidas objetivas (p.ex., morfometria 3D, IA para análise de simetria/contorno) e desfechos funcionais (mordida, respiração), que poderiam gerar índices compostos mais alinhados à prática multimodal da HOF.

No plano ético e regulatório, o uso sistemático do FACE-Q pode aprimorar o consentimento informado (apresentando escores e MCIDs esperadas), orientar triagem psicológica (identificando sinais de transtorno dismórfico corporal) e qualificar indicadores de qualidade em serviços. Em reintervenções e manejo de complicações, o acompanhamento com FACE-Q oferece rastreabilidade do impacto subjetivo e pode auxiliar na mediação de expectativas — um dos principais determinantes de litígio na estética.

Com base nessa análise, propõe-se uma agenda mínima de padronização para pesquisas em HOF com FACE-Q: (i) pré-registro de domínios e pontos temporais; (ii) inclusão de baseline obrigatório e ≥ 2 follow-ups (curto e médio prazo); (iii) reportar MCID ou justificar sua ausência; (iv) controle de covariáveis psicossociais (ansiedade, autoestima, expectativas) e clínicas (procedimentos prévios, fototipo, idade); (v) amostras multicêntricas e, quando possível, testes de invariância; (vi) integração com métricas objetivas (3D/IA) e desfechos funcionais quando pertinentes; (vii) transparência no relato de eventos adversos e correlação com satisfação. Em termos de tópicos prioritários, destacam-se estudos comparativos entre materiais e técnicas na HOF com domínios do FACE-Q alinhados a objetivos (p.ex., Natural Module para lábio/terço médio; domínios de bem-estar para bioestimulação), ensaios pragmáticos em serviços reais e coortes longitudinais para mapear trajetórias de satisfação e



durabilidade do efeito percebido.

Em síntese, a evidência atual sustenta que o FACE-Q é válido, responsivo e clinicamente útil para quantificar satisfação e impacto psicológico em estética facial e, crescentemente, em harmonização orofacial. A próxima etapa para elevar o nível de evidência na HOF não é “se” devemos medir desfechos centrados no paciente, mas “como” fazê-lo com padronização, profundidade psicométrica e integração multimodal. O conjunto dos estudos revisados — de Klassen et al. (2016) a Bulegon et al. (2025), passando por Told et al. (2023), Gallo et al. (2023), Klassen et al. (2024) e as validações transculturais — oferece um roteiro claro: colocar o paciente no centro, medir o que de fato importa para ele e qualificar a ciência da HOF com métodos consistentes e comparáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O FACE-Q consolidou-se como instrumento válido, confiável e sensível para mensurar satisfação e impacto psicológico em estética facial, com crescente aplicabilidade na harmonização orofacial. As validações transculturais, o desenvolvimento de novos módulos e a utilização em diferentes contextos clínicos reforçam sua relevância científica e prática. Apesar dos avanços, ainda são necessários estudos longitudinais, comparativos e padronizados para fortalecer sua adoção como ferramenta de referência na avaliação de resultados em HOF.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. C. P.; GUERRA, J. M.; AGUIAR, M. T.; CAETANO, C. F. F.; BORGES, M. M. F.; CETIRA FILHO, E. L. et al. Analysis of a Brazilian cross-cultural adaptation of the FACE-Q SFAOS in facial harmonization in dentistry. *Brazilian Oral Research*, v. 36, p. e050, 15 abr. 2022. DOI: 10.1590/1807-3107bor-2022.vol36.0050.

ALSANEA, M.; ALSHAALAN, Y. J.; ALKRAIDEES, M.; ALRAMYAN, R.; WAHEED, S. K. Facial Assessment and Cosmetic Enhancement Quality of Life Questionnaire (FACE-Q) Arabic validation. *Cureus*, v. 15, n. 12, p. e51135, 26 dez. 2023. DOI: 10.7759/cureus.51135.

BULEGON, A.; SEBBEN, V.; RIGO, L. Assessment of pain and satisfaction after orofacial harmonization procedures. *Aesthetic Plastic Surgery*, v. 49, n. 3, p. 607-617, fev. 2025. DOI: 10.1007/s00266-024-04348-9.

DUNWORTH, K.; HERNANDEZ, J. A.; CHING, J.; GOLDEN, B.; NGUYEN, P. D.; PATEL, K. et al. Aesthetic outcomes in cleft care: exploring patterns in patient-reported outcomes across adolescence. *Plastic and Reconstructive Surgery*, v. 154, n. 4, p. 841-853, out. 2024. DOI: 10.1097/PRS.00000000000011098.

ELEGBEDE, A.; MERMULLA, S.; DIACONU, S. C.; MCNICHOLS, C.; LIANG, Y.; LIANG, F. et al. Patient-reported outcomes in facial reconstruction: assessment of FACE-Q scales and predictors of satisfaction. *Plastic and Reconstructive Surgery*



Global Open, v. 6, n. 12, p. e2004, 5 dez. 2018. DOI: 10.1097/GOX.0000000000002004.

GALLO, L.; KIM, P.; YUAN, M.; GALLO, M.; THOMA, A.; VOINESKOS, S. H. et al. Best practices for FACE-Q aesthetics research: a systematic review of study methodology. *Aesthetic Surgery Journal*, v. 43, n. 9, p. NP674-NP686, 17 ago. 2023. DOI: 10.1093/asj/sjad141.

HISMI, A.; BURKS, C. A.; LOCASCIO, J. J.; LINDSAY, R. W. Comparative effectiveness of cartilage grafts in functional rhinoplasty for nasal sidewall collapse. *Facial Plastic Surgery & Aesthetic Medicine*, v. 24, n. 3, p. 240-246, maio/jun. 2022. DOI: 10.1089/fpsam.2021.0219.

HOMSY, P.; UIMONEN, M.; LINDFORD, A.; REPO, J.; LASSUS, P. Finnish translation and validation of the FACE-Q Eye module. *Scandinavian Journal of Surgery*, v. 110, n. 4, p. 504-511, dez. 2021. DOI: 10.1177/1457496920982767.

KAPPOS, E. A.; TEMP, M.; SCHAEFER, D. J.; HAUG, M.; KALBERMATTEN, D. F.; TOTH, B. A. Validating facial aesthetic surgery results with the FACE-Q. *Plastic and Reconstructive Surgery*, v. 139, n. 4, p. 839-845, abr. 2017. DOI: 10.1097/PRS.00000000000003164.

KAUR, M. N.; BARADARAN, S.; PATEL, V.; KLASSEN, A. F. Measuring outcomes for temple hollowing treatment: content validity of new and existing FACE-Q scales. *Journal of Cosmetic Dermatology*, v. 21, n. 1, p. 167-175, jan. 2022. DOI: 10.1111/jocd.14646.

KLASSEN, A. F.; CANO, S. J.; PUSIC, A. L. FACE-Q satisfaction with appearance scores from close to 1000 facial aesthetic patients. *Plastic and Reconstructive Surgery*, v. 137, n. 3, p. 651e-652e, mar. 2016. DOI: 10.1097/01.prs.0000480007.03293.ed.

KLASSEN, A. F.; CANO, S.; MANSOURI, J.; POULSEN, L.; RAE, C.; KAUR, M. et al. "I want it to look natural": development and validation of the FACE-Q Aesthetics Natural Module. *Aesthetic Surgery Journal*, v. 44, n. 7, p. 733-743, 14 jun. 2024. DOI: 10.1093/asj/sjad374.

MILLER, M. A.; SUREK, C. C. Commentary on: "I want it to look natural": development and validation of the FACE-Q Aesthetics Natural Module. *Aesthetic Surgery Journal*, v. 44, n. 7, p. 744-745, 14 jun. 2024. DOI: 10.1093/asj/sjae064.

PINGNET, L.; VERKEST, V.; FRANSEN, E.; DECLAU, F. Dutch translation and validation of the FACE-Q Rhinoplasty Module. *Facial Plastic Surgery*, v. 37, n. 3, p. 296-301, jun. 2021. DOI: 10.1055/s-0040-1721099.

TOLD, R.; PLACHETA-GYÖRI, E.; LACKNER, B.; KUCHAR, A.; BRUGGER, J.; SCHMIDT-ERFURTH, U. et al. FACE-Q patient report-assisted subjective and objective evaluation of blepharoplasty outcomes using two different suturing techniques: a randomized and patient-blinded pilot study. *Aesthetic Plastic Surgery*, v. 47, n. 4, p. 1410-1417, ago. 2023. DOI: 10.1007/s00266-023-03339-6.